

# Grécia e Roma no universo de Augusto

Ana Maria César Pompeu  
Francisco Edi de Oliveira Sousa  
(Orgs.)

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

## VIRGÍLIO E A *AETAS AUREA* AUGUSTANA (Virgil and the Augustan *aetas aurea*)

ROBERTO ARRUDA DE OLIVEIRA<sup>121</sup> (rarrudaufc@gmail.com)  
Universidade Federal do Ceará

RESUMO – A crença no mito do Eterno Retorno, “nascimento” e “morte” cíclica do mundo, compartilhado entre diversas sociedades antigas, parece ter tido início quando dos tempos da colheita: até os etruscos dela falaram. Ao longo do tempo, contudo, foi reinterpretada de formas diversas, e, tendo sido absorvida pelos estoicos e neopitagóricos, termina chegando pelo séc. I a.C. em Roma. A Idade de Ouro, prenunciada na Quarta Bucólica, apresentava-se como uma tentativa de restabelecimento do “paraíso perdido” da humanidade: o período de tempo necessário ao recomeço, o Grande Ano estava terminando. O poeta, inspirando-se nas Idades descritas por Hesíodo, profetiza pela boca da Sibila de Cumas o fim da última idade, a pior delas, a de Ferro, e o novo nascimento da primeira, a paradisiaca, a de Ouro. O momento político propiciava essa crença: a Guerra Civil, o assassinato de César, a disputa pelo poder entre Marco Antônio e Otávio. Esse momento de crise inspirou em Virgílio a “certeza” de que ele estaria na Idade de Ferro e que, em breve, o cônsul Polião, seu protetor, traria de volta, reconciliando Marco Antônio e Otávio (Tratado de Brindes), a paz ou a mítica Idade de Ouro.

PALAVRAS-CHAVE – Virgílio, *Bucólicas*, *aetas aurea*, Augusto.

ABSTRACT – The belief in the myth of the Eternal Return, the cyclical “birth” and “death” of the world, shared by several ancient societies, seems to have its origin in the harvest: even the Etruscans referred to it. As time passed, however, it has been reinterpreted in different ways, and assimilated by the Stoics and the Neopythagoreans, arriving in Rome by the first century B.C. The Golden Age, foreshadowed by the Fourth Eclogue, presented itself as an attempt to re-establish humans’ “lost paradise”: that was the time required for a new beginning as the Great Year reached its end. The poet, inspired by the Ages described by Hesiod, prophesies, through the voice of the Sibyl of Cumae, the end of the last age, the worst of all times, the Iron Age, and the new birth of the first and paradisiacal Golden Age. The political conflicts favored this belief: the Civil War, the assassination of Caesar, the dispute between Mark Antony and Octavian. This moment of crisis inspired in Virgil “the belief” that he was in the Iron Age and soon the consul Pollio, his protector, would bring the peace or the mythical Golden Age back, reconciling Mark Antony and Octavian (the Treaty of Brundisium).

KEYWORDS – Virgil, *Eclogues*, *aetas aurea*, Augustus.

---

<sup>121</sup> Roberto Arruda is Associate Professor at the Federal University of Ceará, where he teaches Latin Language and Literature. His Master’s thesis was on Virgil’s Fourth Eclogue (UFRJ) and Doctoral thesis on Propertius (UFRJ).

A pouca estabilidade política presente em Roma nos idos de março termina por se fragilizar ainda mais com o assassinato de César, abrindo assim em Roma espaço às lutas sangrentas, às pretensões dos aventureiros e à nostálgica supremacia do Senado. Roma se vê então dividida entre dois partidos: o primeiro liderado por Bruto e Cássio, mentores da conspiração que tenta devolver ao Senado seus antigos direitos; o segundo por Marco Antônio, braço direito de César, o qual ansia, com o apoio do exército, tomar posse do que resta da obra do ditador. Surge nesse período o sobrinho e filho adotivo do ditador defunto, Otávio, um jovem de dezenove anos, o qual, apresentando-se como vingador de seu pai adotivo, reivindica seus direitos familiares e civis.

Essa disputa, contudo, terminaria por unir Antônio e Otávio, o qual, ainda que sentindo em Antônio um inimigo poderoso, convida-o, como também a Lépido, para com ele constituir um segundo triunvirato. Antônio e Otávio, que até há alguns anos estavam prestes a um confronto, têm em Brindes, no ano 40 a.C., um encontro histórico. Decidem dividir o mundo romano em dois: Otávio fica com o Ocidente e Antônio com o Oriente; a Itália permanece neutra. Acordo cujo sucesso seria garantido com o casamento entre Antônio e Otávia, irmã de Otávio. Essa trégua temporária, a Paz de Brindes, é recebida pelos contemporâneos, em meio aos quais está Virgílio, como um imenso alívio. A Itália de então tem no mês de outubro do ano 40 a.C. um momento de esperança e confiança, e Polião, protetor de Virgílio e a quem ele dedica a Bucólica 4, é uma das principais figuras de intermediação entre os dois adversários (*Buc.* 4. 1-3):

Sicelides Musae, paulo maiora canamus;  
non omnis arbusta iuuant humilesque myricae:  
si canimus siluae, siluae sint consule dignae.

Ó Musas<sup>122</sup> da Sicília, cantemos coisas um pouco mais elevadas<sup>123</sup>:  
os arbustos e os humildes tamarindos<sup>124</sup> não agradam a todos.

---

<sup>122</sup> Essas musas são as mesmas de Teócrito: a Sicília foi a pátria do poeta grego Teócrito, pai da poesia pastoril, enquanto autor alexandrino, e fonte de inspiração ao poeta latino; daí Virgílio nos lembrar novamente o poeta grego no início da Sexta Bucólica quando diz *syracosio uersu* (6. 1-2: *Prima Syracosio dignata est ludere uersu / Nostra [...] Thalia – “Tália, como primeira, dignou-se a cantar no verso de Siracusa”*) e ainda invocar, na Décima, Aretusa, fonte e ninfa da Sicília (10. 1: *Extremum hunc, Aretusa, mihi concede laborem – “Aretusa, inspira-me (ainda) este último canto”*).

<sup>123</sup> Acredita Mendes (1985: 222) que aqui “o poeta dá a entender que o gênero bucólico não se coaduna perfeitamente com o assunto que agora se propõe cantar”; na mesma página nos diz ainda o crítico: “Aflora em toda bucólica um tom próximo ao da epopeia”.

<sup>124</sup> O tamarindo era planta consagrada a Apolo; era o emblema dos poetas, os quais muitas vezes eram representados com um ramo na mão. O ramo de tamarindo (como o de erva e o de arbusto) era tido como mais humilde que o de loureiro – cf.: *Buc.* 1. 39: *Ipsi te fontes, ipsa haec arbusta uocabant – “As próprias fontes, os próprios arbustos te chamavam”*; 6. 10: *Captus amore leget, te nostrae, Vare, myricae – “Se alguém tomado de amor ler (estes versos), a ti (te cantarão) os arbustos,*

Se cantamos os bosques, que os bosques sejam dignos de um cônsul<sup>125</sup>.

A Bucólica 4 nos leva a crer que todo o poema se propõe a celebrar a Paz de Brindes. Virgílio encontra assim no mito o elemento indispensável do seu fazer poético, e se inspira no mito da Idade de Ouro para constituir o modelo idealizado do que se poderia chamar de *pax virgiliana*.

Retoma o poeta a descrição do mito hesiódico, mas a sua perspectiva é outra, na medida em que a Idade de Ouro se vincula no poema a um tempo futuro. Seguindo as pegadas de Hesíodo, os autores latinos, na maioria das situações, servem-se do mito da Idade de Ouro, ressaltando um paraíso já passado, contrapondo-o, com frequência, com a realidade dura e cruel da Idade de Ferro então vivida. Virgílio, como poeta-vate, evoca o mito da Idade de Ouro que parece se coadunar com o momento histórico: a assinatura do tratado de paz em Brindes. A paz, anseio de todos, seria, pois, o *leitmotiv* para a composição do poema, encontrando eco nos versos do poeta. Não se trata de uma simples descrição nostálgica, mas preconiza os ideais de um povo sacrificado pelas constantes guerras.

Hesíodo nos apresenta em *Os Trabalhos e os Dias* (“Ἔργα καὶ Ἡμέραι”) duas narrativas míticas, as quais se interligam: a história de Prometeu e Pandora e o mito das raças. Ambos falam de um tempo em que os homens não conheciam os sofrimentos e as doenças. No primeiro, os homens são forçados por Zeus, como vingança pelo roubo do “fogo do céu”, ao trabalho. Hesíodo, por sua vez, fala-nos da sucessão – seguida de uma decadência progressiva – das diversas raças de homens. Essas raças condizem em valor com os metais dos quais tiram os nomes e cujo valor decresce de acordo com a raça: em primeiro lugar o ouro, depois a prata, o bronze e, em quarto lugar, o ferro. Às raças de ouro, prata, bronze e ferro, “adiciona uma quinta, a dos heróis, que não tem correspondente metálico”<sup>126</sup>, e a põe entre a de bronze e a de ferro, quebrando assim a simultaneidade entre as raças e os metais.

O velho poeta camponês, forçado talvez pelo pessimismo suscitado pelo regime, digamos, feudatário em que se inseria, imaginou que nessa raça de ouro – criada, segundo ele, pelos deuses –, os homens viviam como deuses, não

*ó Varo*”; 10. 13: *Illum etiam lauri, illum etiam fleuere myricae* – “Até os loureiros (choraram-)no, até os tamarindos choraram-no”.

<sup>125</sup> Asínio Polião (76 a.C.-5 d.C.) foi, como Mecenas, protetor de Virgílio e de Horácio; autor trágico, gramático, historiador, orador, atribui-se-lhe o fato de ter sido o mentor das *Bucólicas*. Não é de modo algum de se surpreender que o poeta se lembre dele na Bucólica 8 (na qual confessa ter sido por ele incentivado a compor poemas bucólicos (8. 11-12): *Accipe iussis / carmina coepta tuis* – “Aceita os versos começados por tuas ordens”), celebre seu talento literário na 3 (v. 84: *Pollio amat nostram, quamuis est rustica, Musam* – “Polião ama a nossa Musa, apesar de ser rústica”) e, por fim, dedique-lhe a 4.

<sup>126</sup> Vernant 1990: 26.

envelheciam e sua morte assemelhava-se a um sono profundo; passavam o tempo numa eterna juventude, em banquetes e festas; levavam uma vida feliz, sem trabalho, e a terra produzia por si própria frutos em abundância; a morte, que vinha depois de uma longa velhice, era-lhes somente um agradável sono. Na raça de prata, os homens se degeneraram, tornando-se maus e descuidados de seus deveres para com os deuses. Na de bronze, vestida e armada de bronze, os homens começaram a matar-se uns aos outros. A dos Heróis foi pouco melhor que as duas últimas e, em seu decurso, ocorreu a Guerra de Tebas e a de Troia.

À época em que Hesíodo escreveu *Os Trabalhos e os Dias*, a raça era a de ferro, a qual, avessa à lealdade e à justiça<sup>127</sup>, estava condenada a suportar, curvando-se nas glebas, a opressão dos poderosos e dos maus. Nela os homens conheceram as doenças, a velhice e a morte, as incertezas do futuro, a Inveja e o Egoísmo; reinava a Discórdia: a Vergonha e a Justiça abandonaram a terra. Nela conheceram os homens Pandora – punição de Zeus aos homens por Prometeu<sup>128</sup> lhes ter conseguido o “fogo do céu”, que por ele havia sido roubado – e a necessidade de trabalhar a terra para produzir o próprio alimento: eis o princípio da produção dos alimentos e da reprodução; doravante o homem é agente de sua própria história: depositará uma semente (esperma) nas entranhas da mulher e outra, o grão do cereal, nas entranhas da terra.

Comparando a Quarta Bucólica com *Os Trabalhos e os Dias* do poeta grego Hesíodo, identificamos alguns trechos que atestam semelhanças entre os dois poetas ao tratar o mito da Idade de Ouro; confrontando, v. g., os v. 112-113 (ὤς τε θεοὶ δ'ἔζων ἀκηδέα θυμόν ἔχοντες / νόσφιν ἄτερ τε πόνων καὶ διζύος – “eles<sup>129</sup> viviam como deuses, o coração isento de preocupações, longe e protegidos

---

<sup>127</sup> Segundo Croiset & Croiset (1900: 96) percebe-se nos *Trabalhos e os Dias* um profundo sentimento de injustiça do qual o próprio Hesíodo foi vítima: “O poeta se dirige a alguém que o lesou, que quis se enriquecer pela trapaça; o sentimento de sua injúria pessoal é muito vivo nele” (“*L’auteur s’adresse à quelqu’un qui lui a fait tort, qui a voulu s’enrichir par la fraude: le sentiment de son injure personnelle est très vif en lui*”).

<sup>128</sup> Prometeu foi considerado o criador da raça humana. Teria feito o homem manuseando argila e água. Durante o reinado de Cronos (Saturno entre os romanos), não havia diferença entre deuses e homens. Com o advento dos Olímpicos, Zeus quis impor aos homens a supremacia divina. Fez-se então uma reunião entre os mortais e os imortais para determinar que parte das vítimas dos sacrifícios deveria caber aos homens e quais aos deuses. Encarregado da partilha, Prometeu abateu um boi enorme, pôs de um lado as vísceras, a carne e os pedaços mais gordos; do outro lado, arranjou traiçoeiramente os ossos cobertos com um brilhante toucinho. Zeus, convidado a escolher, optou pelo segundo; indignado, jurou vingança: ficou revoltado contra Prometeu e contra os mortais que haviam sido favorecidos. Prometeu, então, roubou de Hefesto (Vulcano) um pouco do fogo da forja e deu-o aos homens, ou, segundo outra versão, roubou o fogo das rodas do “Carro do Sol”. Assim, Zeus novamente puniu os mortais e seu Benfeitor: aos primeiros, pediu a Hefesto que forje uma criatura de beleza incomparável, a primeira mulher, Pandora (todos os dons), com o coração cheio de perfídia e de discursos enganadores; ao outro, prendeu-o com grilhões de aço no cimo do Cáucaso e determinou que uma águia lhe roesse diariamente o fígado que à noite se refaria.

<sup>129</sup> Os homens.

das dores e das desgraças.”) com os v. 15-16 da Bucólica 4, podemos comprovar isso: *Ille deum uitam accipiet diuisque uidebit / permixtos heroas et ipse uidebitur illis* – “Aquelela<sup>130</sup> (criança) receberá a vida dos deuses, e verá os heróis misturados aos deuses; ela também será vista entre eles”<sup>131</sup>. Semelhança bem maior com Hesíodo encontramos entre o verso 39 de Virgílio (*omnis feret omnia tellus* – “toda terra produzirá todas as coisas”), e os versos 117-118 dos *Trabalhos e os Dias*: (καρπὸς δ’ἔφερε ζείδωρος ἄρουρα / αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον – “o fecundo solo produzia por si mesmo uma abundante e generosa colheita”). Da mesma forma os versos 38-39 do poeta mantuano (*cedet et ipse mari uector, nec nautica pinus / mutabit merces* – “por si mesmo retirar-se-á o navegante do mar, e nem o pinheiro náutico<sup>132</sup> trocará mercadorias”), parece desenvolver a ideia contida nos v. 236-237 do poeta grego: οὐδ’ ἐπὶ νηῶν / νίσονται, καρπὸν δὲ φέρει ζείδωρος ἄρουρα – “e eles não se lançam de forma alguma ao mar, pois que o fecundo solo lhes fornece a ceifa”. E, por fim, o feliz desejo a que Virgílio aspira nos v. 53-54 (*O mihi tum longae maneat pars ultima uitae, / spiritus et quantum sat erit tua dicere facta!* – “Oxalá me reste a última parte de uma tão longa vida, e tanta inspiração quanto for necessário para celebrar teus feitos”) parece-nos ser uma réplica a um triste desejo de Hesíodo (v. 174-175): Μηκέτ’ ἔπειτ’ ὄφελλον ἐγὼ πέμπτοισι μετεῖναι / ἀνδράσιν, ἀλλ’ ἦ πρόσθε – “Praza aos céus que eu por minha vez não tivesse de viver em meio à quinta raça, e que eu ou tivesse morrido mais cedo ou nascido mais tarde”. As perspectivas de ambos os autores são diversas:

<sup>130</sup> O poeta nos diz que ela terá uma vida digna dos deuses, uma imagem, uma evocação àquela que Hesíodo atribui aos heróis. Uma das características da Idade de Ouro era a vida em comum entre homens, heróis e deuses; e, por isso, os heróis ou semideuses eram, muitas vezes, filhos dum deus ou duma deusa, ou simplesmente homens deificados pelos benefícios feitos à humanidade, como foram Hércules, Castor e Pólux, Teseu, etc. – cf.: *Ov. Fast.* 1. 247 e ss.: *Tunc ego regnabam, patiens cum terra deorum / Esset, et humanis numina mixta locis...* – “Eu (=Jano) reinava ao tempo em que a terra admitia os deuses e (em que) as divindades se misturavam aos humanos...”.

<sup>131</sup> Podemos ver aí uma alusão às epifanias ou às manifestações divinas na terra, fenômeno que, popularizado nas grandes nações do Oriente, havia sido aceito pela civilização grega depois de Alexandre e tinha se tornado comum entre os poetas romanos do século de Augusto, imitadores dos poetas gregos de Alexandria. Assim como alguns reis gregos do Egito e da Síria, os ptolomeus e os selêucidas receberam pela lisonja de seus súditos o cognome de Epifânio, i.e., “deus visível na terra”. Da mesma forma, Horácio não hesita em afirmar que Augusto é um “deus presente na terra”, como Júpiter é no céu – cf.: *Hor. Od.* 3. 5. 1-3: *Caelo tonantem credidimus Iovem / Regnare; praesens diuus habebitur / Augustus* – “Acreditávamos que era Júpiter quem reinava no céu; Augusto será tido como um deus presente (na terra)”.

<sup>132</sup> A mesma expressão para *nauis* (*nautica pinus*, v. 38) encontramos em Horácio (cf. *Od.* 1. 14. 11: *Quamuis Pontica pinus* – “Embora pinheiro do Ponto”). Antes da moeda, todo o comércio se fundamentava pela troca de mercadorias (*mutabit merces*, v. 39), prática ainda presente em muitos lugares (cf.: *Hor. Sát.* 1. 4. 29: *Hic mutat merces surgente a sole ad eum quo / Vespertina tepet régio* – “Este troca as mercadorias donde o sol se levanta àquela região Ocidental (onde o sol se amorna”).

enquanto Hesíodo aponta para um passado paradisíaco, Virgílio aponta para o futuro promissor.

Ovídio e Tibulo descrevem também o modo de vida dos mortais na Idade de Ouro, e Horácio um lugar paradisíaco que nos faz lembrar dela. Ovídio (*Met.* 89-112), retoma a Idade de Ouro sob uma ótica que lembra Hesíodo: simplesmente descreve um tempo já consumado. Horácio (*Ep.* 16. 35-66) põe-na sob o prisma do sonho; descreve-a como se a visse em pensamento e busca-a como única forma de fugir dos conflitos de sua época; não faz parte do tempo mítico, mas existe em seu presente, nas ilhas Afortunadas: tratar-se-ia, pois, de um lugar imaginário. Tibulo (*El.* 1. 3. 35-50) a vê no passado, contrapõe-na às guerras e às disputas de sua época, sonha com um passado inalcançável e sem volta. Na Bucólica 4, a concepção dessa idade é totalmente diferente<sup>133</sup> da dos outros poetas: Virgílio profetiza sua volta<sup>134</sup>.

Na Bucólica 4 Virgílio invoca as musas da Sicília<sup>135</sup> (v. 1) – pátria de Teócrito, considerado o criador da poesia pastoril –, dedica seu poema a Polião<sup>136</sup>, então cônsul (v. 3) – negociador da Paz de Brindes –, anuncia a volta dos tempos de Saturno e da constelação da Virgem<sup>137</sup> (v. 6) – tempo de paz e de concórdia que agora parecia vir a se concretizar com as negociações de Polião. Apontando para o fim do reino de Apolo<sup>138</sup> (v. 4 e 10) – marcado por tantos morticínios devido às guerras civis –, pede ainda a proteção da deusa Lucina à criança nascitura<sup>139</sup> (v. 8-10) – símbolo desse novo tempo de felicidade. Assinalando ter início no consulado de Polião<sup>140</sup> (v. 11-13), essa nova era concebida na visão do poeta como um retorno aos tempos paradisíacos da Idade de Ouro.

---

<sup>133</sup> Nas *Geórgicas* (2. 538-540), contudo, Virgílio faz uma ligeira referência à Idade de Ouro sob a perspectiva do passado: *aureus hanc uitam in terris Saturnus agebat; / necdum etiam audierant inflari classica, necdum / impositos duris crepitare incudibus ensis* – “O áureo Saturno levava esta vida na terra; não tinham então (os homens) ouvido ainda a trombeta ser tocada, nem ainda crepitar as espadas postas nas duras bigornas”.

<sup>134</sup> Referindo-se no *Da Natureza das Coisas* a uma Idade de Ouro passada, Lucrécio parece querer negar o que Virgílio afirma acontecer numa vindoura e mítica Idade de Ouro. Confirma, v. g., o v. 41 da Bucólica 4 (*robustus quoque iam tauribus iuga soluet arator* – “já também o robusto lavrador desatará os bois das cangas”) com o verso 930 do livro 5 do *Da Natureza das Coisas* (*Nec robustus erat curui moderator aratri* – “Nem havia o lavrador robusto do arado recurvado”).

<sup>135</sup> *Sicelides Musae, paulo maiora canamus* – “Ó Musas da Sicília, cantemos coisas um pouco mais elevadas”.

<sup>136</sup> *Si canimus silvae, silvae sint consule dignae* – “Se cantamos os bosques, que os bosques sejam dignos de um cônsul”.

<sup>137</sup> *Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna* – “Já volta também a Virgem, já o reino de Saturno”.

<sup>138</sup> *Vltima Cumaei venit iam carminis aetas [...] tuus iam regnat Apollo* – “Já chegou a última época da predição de Cumas [...] reina então teu (irmão) Apolo”.

<sup>139</sup> *Tumodonascenti puero [...] casta, faue, Lucina* – “Apenas protege, casta Lucina, a criança que nasce”.

<sup>140</sup> *Teque adeo decus hoc aevi, te consule, inibit, / Pollio, et incipient magni procedere menses / te duce* – “E justamente por ti, ó Polião, sendo tu cônsul, a honra deste tempo terá início, e, sob o teu comando militar, os grandes meses começarão a se suceder”.

O consulado de Polião, porém, não marca precisamente o advento da Idade de Ouro: abre com o nascimento da criança uma série de transformações que levarão, a um certo momento da vida desse, à grande renovação (4. 11: *Teque adeo decus hoc aevi, te consule, inibit, Pollio* – “E justamente por ti, ó Polião, sendo tu cônsul, a honra deste tempo terá início”). Assim, Polião terá a honra de conduzir o novo curso dos tempos, e um certo número de anos passará antes do momento solene no qual o relógio cósmico registrará o auge do novo Século (4. 48-52):

Adgrederere o magnos (aderit iam tempus) honores,  
cara deum soboles, magnum Iouis incrementum!  
Aspice conuexo nutantem pondere mundum,  
terrasque tractusque maris caelumque profundum;  
aspice uenturo laetantur ut omnia saeclo.

Ó cara raça dos deuses, poderoso filho de Júpiter,  
ascendei (já vem o tempo) às altas magistraturas!  
Olha a abóbada celeste que oscila (de alegria) com  
(sua) massa convexa, as terras, a extensão do mar e  
o céu infinito; olha como todo o mundo se alegra com  
o século que há de vir.

Desse caráter progressivo o poeta dá ao leitor uma referência mais real: a duração de uma vida humana. À proporção que esta criança vai crescendo, a Idade de Ouro será paulatinamente instaurada em etapas paralelas àquelas de uma vida humana; de tal modo que somente quando a criança atingir a maturidade é que terá acesso aos mais altos encargos da nação, e somente nesse momento é que a Idade de Ouro “brilhará sobre a terra com todo seu esplendor”<sup>141</sup>. Virgílio, por enquanto, só pode profetizar (v. 17): *pacatumque reget patriis uirtutibus orbem* – “e governará o mundo apaziguado<sup>142</sup> pelas virtudes paternas”; e tem consciência do tempo que exige esse recomeço maravilhoso da mítica felicidade (v. 53-54): *O mihi tum longae maneat pars ultima uitae, / spiritus et quantum sat erit tua dicere facta!* – “Oxalá me reste a última parte de uma tão longa vida, e tanta inspiração quanto for necessário para celebrar teus feitos”<sup>143</sup>.

<sup>141</sup> *brillera sur la terre de tout son éclat* (Brisson 1966: 118).

<sup>142</sup> No verso 17, o particípio passado *pacatum* (apaziguado) nos evidencia uma das características marcantes da Idade de Ouro, a paz, a qual Polião tentou estabelecer (daí, “virtudes paternas”): no ano 40 a.C., ele estatuiu, na tentativa de pôr fim à Guerra Civil, um acordo – como já foi dito – entre Otávio e Antônio. Segundo os termos desse acordo, denominado a Paz de Brindes, Antônio ficaria com as províncias do Oriente e Otávio com as do Ocidente: acreditava-se com isso que a paz do mundo estaria assegurada.

<sup>143</sup> Virgílio tinha então trinta anos: precisaria talvez de mais trinta, quarenta ou mais, para cantar os grandes feitos dessa criança; e, se lhe fosse dado, nem mesmo Orfeu ou Lino excederia ao poeta no canto.



Durante este intervalo (v. 18-45) a criança cresce. Assim como o herói da Quarta Bucólica nos é apresentado em três fases sucessivas de sua vida (criança, adolescente e homem feito até o dia em que chega às supremas honras), assim também a própria Bucólica IV nos é apresentada em três divisões distintas. Há, de início, uma espécie de concordância entre as três fases do crescimento e as três estações do ano. A infância corresponderia à primavera, às flores; elas brotam em torno do berço da criança (v. 18-20):

At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu  
errantis hederas passim cum baccare tellus  
mixtaque ridenti colocasia fundet acantho.

A ti, porém, ó menino, produzirá a terra, sem  
qualquer cultivo, heras errantes aqui e ali com  
o nardo, e colocásias misturadas ao alegre acanto,  
os primeiros presentinhos.

É a própria terra que o saúda, que lhe dá boas-vindas e põe ao seu lado *heras errantes* (Buc. 4. 19) – símbolo da fecundidade e da inspiração literária<sup>144</sup> –, o nardo – símbolo de proteção contra qualquer tipo de malefício<sup>145</sup> –, colocásias – símbolo de fartura, significando que nada há de faltar ao seu sustento<sup>146</sup> –, o acanto – símbolo de alegria, significando que a vida do menino há de ser cercada de acontecimentos festivos<sup>147</sup>.

A adolescência corresponderia à seara já amarelecida, aos frutos já maduros nas árvores (v. 28-29): *molli paulatim flauescet campus arista, / incultisque rubens pendebit sentibus uua* – “o campo paulatinamente amarelecerá com a macia espiga, e a uva vermelha penderá dos espinheiros selvagens”. A maturidade corresponde-

---

<sup>144</sup> Os poetas se coroavam de hera (Buc. 7. 25: *Pastores, hedera nascentem ornate poetam – “Pastores, ornai com hera o poeta que nasce”*; 8. 13: *Atque hanc sine tempora circum / inter uictricis hederam tibi serpere laurus – “E permita que esta hera serpenteie-te ao redor de (tua) frente, entre os louros da vitória”*). A hera era particularmente consagrada a Baco, e se denominavam *bacchae* as coroas de erva que eram levadas às festas desse deus. Baco ou Dionísio, deus do vinho e da inspiração poética, era festejado com grandes procissões, nas quais se punham, representados por máscaras, os gênios da Terra e da fecundidade. Esses cortejos deram origem às representações teatrais: a comédia, a tragédia e o drama satírico.

<sup>145</sup> Dizia-se que o nardo (*baccaris*, v. 19) livrava dos malefícios – cf.: Buc. 7. 27-28: *Baccare frontem / cingite, ne uati noceat mala lingua futuro* – “Cingi (minha) frente de nardo rústico, para que (sua) língua maléfica não prejudique ao futuro poeta”. N.B.: o nardo rústico é uma erva que é tida como antidoto dos feitiços. Em “(sua) língua maléfica” refere-se a Codro cujos elogios exagerados poderiam despertar a inveja dos deuses de cuja cólera poderia ser ele (Tírsis) vítima.

<sup>146</sup> As colocásias, ao que parece, foram trazidas do Egito, e suas raízes eram usadas como alimento.

<sup>147</sup> O acanto era alegre por sua bela cor púrpura e por sua forma agradável; daí surgiram os desenhos dos capitéis coríntios.

ria ao outono, às colheitas (v. 39): *omnis feret omnia tellus* – “toda terra produzirá todas as coisas”. Percebemos depois uma correlação entre as ocupações e as três fases da vida, tanto como as preocupações próprias de cada fase. Na infância os divertimentos, os pequenos presentes (v. 18): *At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu* – “A ti, porém, ó menino, (produzirá a terra), sem qualquer cultivo, os primeiros presentinhos”; os laticínios (v. 21): *Ipsae lacte domum referent distenta capellae* – “As cabras por si mesmas levarão para casa (suas) tetas distensas de leite”; a familiaridade com os animais selvagens e as ervas dos campos, os animais peçonhentos, as plantas venenosas, imagens dos perigos característicos da infância à época de Virgílio (v. 24-25): *Occidet et serpens, et fallax herba ueneni / occidet* – “tanto a serpente como a pérfida erva venenosa morrerá”. No espaço de tempo entre a adolescência e a idade viril, os estudos e o ensino da Moral (v. 26-27): *At simul heroum laudes et facta parentis / iam legere et quae sit poteris cognoscere uirtus* – “Mas logo que (tu) já puderes ler os louvores dos heróis e os feitos de (teu) pai, e saber o que é a virtude”<sup>148</sup>; também o dever militar, as aventuras (v. 32-36):

quae temptare Thetim ratibus, quae cingere muris  
oppida, quae iubeant telluri infindere sulcos.  
Alter erit tum Typhis, et altera quae uehat Argo  
delectos heroas; erunt etiam altera bella,  
atque iterum ad Troiam magnus mittetur Achilles.

[Poucos vestígios contudo da antiga maldade subsistirão,  
tais que ordenem (aos homens) de afrontar Tétis<sup>149</sup> com  
as naus, de cercar cidades com muros, de abrir sulcos  
na terra. Haverá então um outro Tífis<sup>150</sup> e uma outra  
Argo que transporte heróis escolhidos<sup>151</sup>; haverá  
também outras guerras, e um grande Aquiles<sup>152</sup> será  
mandado novamente a Tróia<sup>153</sup>.

<sup>148</sup> Caracterizava-se a adolescência pelo estudo da poesia épica (*heroum laudes*), da História (*facta parentis*) e da Filosofia Moral (*quae sit uirtus*).

<sup>149</sup> Tétis era uma ninfa do mar, filha de Nereu e de Dóris, mulher de Peleu e mãe de Aquiles: é aqui metonímia de mar – cf.: Virg. *Geórg.* 1. 31: *Teque sibi generum Tethys emat omnibus undis* – “É que Tétis te tome, com todas as (suas) ondas, como genro”. Há quem queira que seja outra Tétis, a esposa do Oceano e mãe dos rios e das ninfas.

<sup>150</sup> Tífis era o piloto do navio Argo (daí serem os tripulantes chamados de argonautas) que dirigia a expedição para a Cólquida em busca do Velocino de Ouro.

<sup>151</sup> Levava a nau Argo, além de seu comandante, Jasão, outros cinquenta heróis escolhidos (*delectos heroas*) tais como Hércules, Orfeu, Castor e Pólux, Peleu, Teseu, Zetes e Cálais e outros tantos.

<sup>152</sup> Herói grego, altivo e implacável, cuja cólera foi cantada por Homero na *Iliada*, e que participou da tomada de Tróia.

<sup>153</sup> Assim como haveria uma outra guerra semelhante à de Tróia – mas não propriamente a de Tróia –, haveria outros “heróis escolhidos” semelhantes àqueles, mas não propriamente

A idade viril corresponderia às ocupações do homem feito: o comércio, a agricultura, os trabalhos que convêm ao *robustus arator* (v. 41), a indústria (v. 37-45):

Hinc, ubi iam firmata uirum te fecerit aetas,  
cedet et ipse mari uector, nec nautica pinus  
mutabit merces; omnis feret omnia tellus.  
Non rastros patietur humus, non uinea falcem;  
robustus quoque iam tauris iuga soluet arator;  
nec uarios discet mentiri lana colores,  
ipse sed in pratis aries iam suaue rubenti  
murice, iam croceo mutabit uellera luto;  
sponte sua sandyx pascentis uestiet agnos.

Depois, quando a idade já fortalecida te tiver  
feito um homem, por si mesmo retirar-se-á o  
navegante do mar, e nem o pinheiro náutico trocará  
mercadorias: toda terra produzirá todas as coisas.  
A terra não admitirá o ancinho, a vinha a foice;  
já também o robusto lavrador desatará os bois das  
cangas, nem a lã aprenderá a simular diversas cores;  
mas nos prados o carneiro por si mesmo mudará  
(a cor natural d)os velos, ora em púrpura suavemente  
avermelhada, ora no amarelo açafreado; o escarlate  
por si mesmo vestirá os cordeiros que pastam.

E, por último, estabelece o poeta uma correlação entre o modo de vida característico de cada uma dessas fases, o que possuem de dificuldades e perigos, e as três idades que marcaram a progressiva corrupção da humanidade. O retorno da Idade de Ouro se faz por um desaparecimento progressivo das sucessivas maldades que estão ligadas à Idade de Prata, à de Bronze e à de Ferro; e não é preciso dizer que as etapas do retorno são proporcionalmente inversas àquelas do caminho anteriormente percorrido. A Idade de Ouro voltará quando o mal e a maldade – simbolizados por monstros e seres peçonhentos –, a guerra e o trabalho tiverem desaparecidos. O mal na natureza, a perfídia dos venenos, o ardil da serpente, a ferocidade do leão, tudo o que provavelmente é a triste herança da Idade de Ferro desaparecerá com o retorno da natureza à inocência, uma vez que a nostalgia dos tempos áureos havia povoado o imaginário do povo romano de quem Virgílio se tornou o “vate” inspirado.

---

aqueles, renascidos, digamos, para uma segunda vida; daí, então, nossa tradução: “um grande Aquiles” e não “o grande Aquiles”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brisson, Jean-Paul (1966), *Virgile: son temps et le nôtre*. Paris.
- Croiset, Alfred; Croiset, Maurice (1900), *Manuel d'histoire de la littérature grecque*. Paris.
- Hésiode (1996), *Théogonie. Les travaux et les jours. Le bouclier*. Paris.
- Horace (1990), *Odes et Epodes*. Paris.
- \_\_\_\_\_ (1989), *Satires*. Paris.
- Lucrèce (1985), *De la nature* (Tome II). Paris.
- Mendes, João Pedro (1985), *Construção e arte das Bucólicas de Virgílio*. Brasília.
- Ovide (1990), *Les fastes*. Paris.
- Vernant, Jean-Pierre (1990), *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro.
- Virgile (1925), *Bucoliques*. Paris.
- \_\_\_\_\_ (1949), *Bucoliques*. Paris.
- \_\_\_\_\_ (1982), *Géorgiques*. Paris.